

ESTUDOS SOBRE A TEOLOGIA BÍBLICA

DO ANTIGO TESTAMENTO

VOLUME 3

Deus no Sinai

Aliança e teofania na Bíblia e no
Oriente Próximo da Antiguidade

JEFFREY J. NIEHAUS

Sumário



Agradecimentos	8
Abreviações	9
Prefácio para a série	11
Prefácio do autor	13
1. Teologia e teofania	17
2. A tradição do Sinai: contexto do estudo acadêmico	41
3. Paralelos no Oriente Próximo da Antiguidade: <i>a relação das teofanias egípcia, heteia, mesopotâmia e cananeia com a tradição bíblica (Parte 1)</i>	77
4. Paralelos no Oriente Próximo da Antiguidade: <i>a relação das teofanias egípcia, heteia, mesopotâmia e cananeia com a tradição bíblica (Parte 2)</i>	103
5. As teofanias pré-Sinai	135
6. A teofania do Sinai	171
7. As teofanias pós-Sinai: <i>as teofanias demonstrando as características da teofania do Sinai nos livros históricos e relatos proféticos</i>	217
8. Memória, imaginação e escatologia: <i>teofanias como a do Sinai nos salmos e nos profetas</i>	263
9. A teofania do Sinai: o Novo Testamento e além dele: <i>a nova aliança é o cumprimento das implicações das teofanias do Sinai</i>	311
Epílogo	357
Bibliografia	359

Prefácio do autor



Histórico

É possível dizer com segurança que tudo tem um histórico, exceto Deus. A Bíblia — o Antigo Testamento —, antiga como é, tem histórico. O que Deus fez no Sinai também tem histórico. Considere o seguinte poema:

Adornado com um cajado, confiado no interior de Abzu,
senhor sem oposição na torre do templo e na casa de Nanshe,
o rei, senhor Hendursaga, traz com ele
esses comandos da casa de Nanshe.
Eles, como fumaça pesada, assentam-se no chão.
Essa palavra espalha pelo céu, uma nuvem tempestuosa em movimento
[Com] a agulha do matrimônio ele junta,
o rei, senhor Hendursaga, separa.
O justo ele coloca entre os justos.
O mau ele manda para um lugar mau.
Ele decide o direito do órfão.
Reforça o direito da viúva.
Executa o direito da mãe e do filho!¹

Essas linhas são de um hino sumério que celebra a teodiceia da deusa Nanshe. O cântico, datando de cerca de 2143-2119 a.C., mostra uma co-

¹ W. Heimpel, “The Nanshe Hymn”, *Journal of Cuneiform Studies*, 33/2 (abril de 1981), p. 95.

nexão entre a lei ou palavra da deidade e sua promulgação teofânica.² Essa palavra santa é até mesmo hipostasiada e se “espalha pelo céu” de forma teofânica, “uma nuvem tempestuosa em movimento” (linha 186). Mais: a lei da deusa é mediada por um mensageiro que é o “rei” e “senhor” — e a quem o julgamento de todos os seres humanos é confiado. O hino sumério é um dos muitos exemplos da Antiguidade de legislação e julgamento teofânicos que antedata e antecipa o que Deus fez no monte Sinai.³

Os antigos talvez não esperassem que um deus respondesse com poder estrondoso às orações humanas. Um bom exemplo, relativamente tardio, vem da *Odisseia* de Homero:

[Odisseu] orou: “Ó pai Zeus, se sobre terra e água,
Após a adversidade, quis me trazer para casa,
Deixe que alguém na casa desperta me dê bom augúrio,
E também mostre um sinal no mundo externo”.

Ele orou assim, e a mente de Zeus no céu o ouviu.
Ele tropejou do brilhante Olimpo acima das nuvens em resposta —
Provocando um repique empolgante para Odisseu. Então, um sinal
Veio a ele de uma mulher moendo farinha
Perto da corte...
Ela parou, apoiou a mão, e seu senhor ouviu
O presságio de seus lábios:

“Ah, pai Zeus,
poderoso sobre os deuses e os homens!
Um grande barulho de trovão,
Do céu estrelado, e nenhum sinal de nuvem.
É seu sinal para alguém”.⁴

Zeus (chamado *νεφελήγερέτα*, “o ceifeiro das nuvens”),⁵ em resposta à oração de Odisseu, “tropejou” (*ἔβρόντησεν*) do brilhante Olimpo das nuvens (*ἐκ νεφέων*) — muito como o deus cananeu Baal (chamado *rkb 'rpt*, “o

² Heimpel, p. 67, data o hino no reinado de Gudea de Lagash (2163-2144 a.C.) ou Ur-Ningirsu de Lagash (2123-2119 a.C.).

³ Para não mencionar temas bíblicos posteriores!

⁴ Homero, *Odisseia*, XX.97-114, trad. Robert Fitzgerald (New York: Doubleday, 1961), p. 378.

⁵ Cf. Georg Autenrieth, *A Homeric Dictionary*, trad. Robert P. Keep, rev. Isaac Flagg (Norman: University of Oklahoma Press, 1958), p. 198.

cavaleiro/ceifador das nuvens”) trovejara (*qlb... ytn*) de Zafom (Js 13.27).⁶ O trovão teofânico de Zeus foi a principal resposta para a oração de Odisseu, enquanto a resposta menor (a interpretação dela pela mulher) é confirmada.

Esse exemplo grego da época de Isaías mostra uma suposição comum do mundo da Antiguidade: que um deus podia trovejar ou responder de alguma outra forma teofânica ao pedido de um mortal. Por isso é que os profetas de Baal dançaram em vão no monte Carmelo (1Rs 18.17-40). Além disso, o paralelismo de termos — tanto com as teofanias cananeias de Baal quanto com as teofanias de Iavé no Antigo Testamento — merece implicações teológicas. Remonta ao primeiro encontro dos nossos pais com Deus depois da Queda. Também mostra a persistência da memória da teofania primordial no reino da graça comum.

Será isso mesmo? Outra maneira de entender os dados antigos é tomá-los como uma revelação de graça comum. As principais ideias bíblicas vêm à tona no Oriente Próximo da Antiguidade (por meio da graça comum de Deus) antes de aparecerem na Bíblia. O “Hino de Nanshe” é um exemplo primitivo de um texto pagão que esboça temas importantes do Antigo e Novo Testamentos. Ele une a glória da teofania, legislação e julgamento de uma forma mais tarde igualada pelos relatos do Sinai e do deserto. Antecipa a confluência dos mesmos temas em retratos da primeira e segunda vindas de Cristo.⁷

Pode ser que os relatos teofânicos pagãos façam ambas as coisas: ou seja, ecoam a teofania primordial e também apresentam casos de revelação de graça comum. As duas possibilidades aparecem conforme estudamos os dados bíblicos.

O presente estudo

O que se segue é um estudo da glória da teofania bíblica. O estudo foca o Antigo Testamento (embora o último capítulo explore as implicações

⁶ J. C. L. Gibson, *Canaanite Myths and Legends* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1977), p. 65 (4.vii.29; cf. “o som do seu [ou seja, de Baal] trovão das nuvens” (*tn.qlb.ṽrpt*, 4.v.70).

⁷ O exemplo homérico segue a mesma linha teológica: aquele que é “todo-poderoso sobre os deuses e homens” comunica-se com seu escolhido por meio do fenômeno da tempestade.

para o Novo Testamento). Envolve o trabalho de estudiosos anteriores, alguns dos quais demonstram uma atitude desfavorável em relação à historicidade dos eventos registrados nos relatos do Antigo Testamento — atitude essa não compartilhada pelo presente estudo. O estudo entende os dados do Antigo Testamento contra o pano de fundo do pensamento semelhante do Oriente Próximo da Antiguidade. Os principais paralelos teológicos são explorados, incluindo um deus/Deus como rei; a relação da aliança entre um deus e um rei mortal — incluindo a relação da aliança de Deus com Adão e Eva e suas implicações para a teofania e escatologia bíblicas. O estudo se refere às teofanias bíblicas como “sinaíticas” ou “semelhantes à do Sinai”, embora Deus apareça em glória tempestuosa antes do encontro de Israel no Sinai e também depois dele. A descida de Deus naquele monte acrescentou ao que ele já tornara conhecido por meio da teofania, assim como suas teofanias posteriores acrescentam mais ao que já mostrara e fizera no Sinai. Por que, então, chamo essas teofanias de “sinaíticas”? A teofania do Sinai é tomada como a pedra de toque ou critério para as teofanias de glória anteriores e subsequentes na Bíblia porque o evento do Sinai foi constitutivo na história de Israel e crucial na história da salvação. Como Deus veio ao Sinai nas nuvens para transmitir sua lei, ele também virá mais uma vez sobre as nuvens do céu para julgar os que rompem sua aliança.⁸

Até aquele dia, somos chamados a ficar em sintonia com o Espírito de Deus, uma vez que vivemos por meio desse Espírito. Como também temos de considerar e explicar cada palavra infundada que dizemos (ou escrevemos), oro para que este livro contenha poucas dessas palavras. Uma vez que a perfeição é rara nas realizações humanas, teria esperança por mais, mas não espero isso. No entanto, sou agradecido ao Espírito de Cristo pelo que há de bom nas páginas seguintes e também sou agradecido a Jesus Cristo, que cumpre a lei para mim e para todos que creem nele.

J. J. N.

South Hamilton, Massachusetts

⁸ Assim, ele veio até mesmo para nossos primeiros pais que quebraram a lei (veja adiante, capítulo 5).